

O que dizer sobre aqueles que decidem fazer morada numa instituição de saúde?

Minha mãe e minha tia, apesar de enfermeiras, sempre me questionaram porquê eu queria estar num ambiente que tem tanto potencial para ser triste? No início eu não sabia responder, mas depois eu fui percebendo o valor que tem as pessoas que escolhem estar presentes quando as coisas não vão bem. É fácil amar o outro quando tudo está tranquilo, é fácil estar em volta do sucesso. O que essa escolha que fizemos a dois anos atrás diz sobre nós, não é mesmo?

Me desculpem aqueles que estiverem hoje aqui presentes que não foram residentes durante a construção de suas carreiras, mas hoje o dia é nosso!

Há mais de dois anos atrás, estudávamos em nossas casas, isolados, pois prestaríamos uma prova que nos levaria em uma jornada de mais de 5000 horas em busca da especialização! Assim, como o a esperança renascia no horizonte pós-lockdown chegávamos cheios de expectativas e energia para essa jornada. Escolher esse caminho nos últimos dois anos foi uma prova e tanto do quanto confiamos na ciência, saúde e educação. Mas mais importante o quanto acreditamos em nós mesmos e na potência de um grupo.

Que respeito tenho por nós, colegas!

Em um mundo onde \$ compraria o título e o egocentrismo é considerado força, decidimos ser multi. Decidimos ser equipe e ampliar nosso olhar para profissão ao lado. Partilhamos e escutamos. Escutamos aparelhos, corações, pulmões, murmúrios, choros, a nossa intuição, os mestres, os funcionários e os pacientes.

Ah, os pacientes, parece que não dá nem para começar a falar o quanto trocamos com cada um que cruzou nossos dias.

Cada partilha ia construindo uma casa rica em nós. Com o passar dos campos de atuação a denominação residência foi fazendo cada vez mais sentido. Algo mudava dentro da gente, ganhava reboco e novos cômodos para caber tudo aquilo que aprendíamos.

Não podemos esquecer que de cara chegamos com a casa em reforma. Todo mundo estava mexido com a chegada de uma nova administradora, e mesmo

assim com algumas estruturas ameaçando ruir, outras se fortalecer, nos mantivemos firmes e aprendemos a fazer certeza na mudança.

Buscamos as oportunidades de sermos escutados, exigimos respeito, paramos as máquinas, levantamos cartazes, pedimos aulas e depois pedimos respeito e consideração.

Nesses últimos dias, propiciamente após um atendimento multi em um óbito, uma colega de residência de outra profissão me pergunta: “será que voltaremos aqui um dia?”. Mais uma vez eu me vi sem resposta, foi arrebatador, eu me vi olhando com atenção para estrutura física do setor como se quisesse levar comigo aquelas paredes, como se elas pudessem ser arrancadas de mim a qualquer momento. Como poderíamos construir uma casa, fazer dela nosso lar e ir embora? Pensei naquele momento o quanto receber alta deve ser difícil, recebíamos alta naquele momento, mas a impressão era que eu não saberia respirar sem os aparelhos, sem aquelas pessoas que construíam de forma real um trabalho integral de cuidado. Em termos objetivos ainda não tenho uma resposta para a pergunta da colega, mas eu me lembrei que essa “casa” é na verdade feita de pessoas, as pessoas são a parte mais importante desse aprendizado, é por elas com elas e delas que construímos a saúde. E como todos nós sabemos não é possível após o nascimento morar em alguém. A casa que fizemos estará pra sempre dentro de nós, e poderemos sempre a visitar. Por favor: visitem-na sempre! Reformem suas paredes, mudem as cores, adicionem cômodos, reencontrem memórias!

Quanto a quem de fato permanece nas dependências físicas dessa casa robusta eu peço que se valorizem e valorizem quem constrói e escolhe fazer morada aqui!

Viva o SUS, viva as Residências em Saúde.